



“Andreas Osiander”,
de Georg Pencz, Roma, 1544

Ao Leitor sobre as Hipóteses desta Obra

Andreas Osiander (1543)

Este é o prefácio não assinado à obra *Da Revolução de Esferas Celestes* de Nicolau Copérnico, escrito em latim pelo alemão Andreas Osiander (1498-1552).

Tradução feita por ZELJKO LOPARIĆ (1980), com um longo comentário, nas pp. 57-8 do artigo “Andreas Osiander: Prefácio ao ‘De Revolutionibus Orbium Coelestium’ de Copérnico”, *Cadernos de História e Filosofia da Ciência I* (Campinas), 44-61.

Texto usado no curso de Teoria do Conhecimento e Filosofia da Ciência I (FLF0368), prof. Osvaldo Pessoa Jr., 2º semestre de 2010.

Não duvido de que certos estudiosos – em consequência da divulgação da notícia sobre a novidade das hipóteses desta obra, que estipula ser a Terra móvel e, ainda, o Sol imóvel no centro do universo – se tenham fortemente chocado e julguem que não convém conturbar disciplinas liberais já há tanto tempo bem estabelecidas. Na verdade, se quisessem examinar o caso com exatidão, descobririam que o autor desta obra nada cometeu que mereça repreensão. Com efeito, é próprio do astrônomo compor, por meio de uma observação diligente e habilidosa, o registro dos movimentos celestes. E, em seguida, inventar e imaginar as causas dos mesmos, ou melhor, já que não se podem alcançar de modo algum as verdadeiras, quaisquer hipóteses que, uma vez supostas, permitam que esses mesmos movimentos sejam corretamente calculados, tanto no passado como no futuro, de acordo com os princípios da geometria. Ora, ambas as tarefas foram executadas com excelência pelo autor. Com efeito, não é necessário que essas hipóteses sejam verdadeiras, e nem mesmo verossímeis, bastando apenas que forneçam cálculos que concordem com as observações: a não ser que se seja tão ignorante em geometria e em óptica a ponto de tomar por verossímil o epiciclo de Vênus ou de acreditar ser essa a causa pela qual Vênus ora precede o Sol ora a ele sucede por quarenta ou até mais partes [do círculo]. Com efeito, quem não vê que dessa suposição se segue necessariamente que o diâmetro dessa estrela no perigeu deveria aparecer mais de quatro vezes e o próprio corpo mais de dezesseis vezes maior do que no apogeu, contrariamente à experiência de todos os tempos? Outras coisas, não menos absurdas, há ainda nessa disciplina, que aqui não é necessário examinar. Pois é mais do que patente que essa arte ignora simplesmente e por completo as causas dos movimentos aparentes irregulares. E se inventa alguma na imaginação, como certamente inventa muitas delas, todavia não o faz de modo algum para persuadir quem quer que seja de que assim é, mas tão somente para estabelecer corretamente o cálculo. E como às vezes várias hipóteses se oferecem para um mesmo movimento (como no caso do movimento do Sol, e da excentricidade e a do epiciclo), o astrônomo de preferência tomará aquela cuja compreensão seja a mais fácil. O filósofo talvez exigisse antes a verossimilhança, contudo, nenhum dos dois compreenderá ou transmitirá nada de certo a não ser que lhe seja revelado por Deus. Permitamos, pois, que, junto com as antigas, em nada mais verossímeis, se façam conhecer também essas novas hipóteses, tanto mais por serem elas ao mesmo tempo admiráveis e fáceis, e por trazerem consigo um enorme tesouro de doutíssimas observações. E que ninguém espere da astronomia algo de certo no que concerne a hipóteses, pois nada disso procura ela nos oferecer, para que, tomando por verdadeiro algo que foi para outro uso imaginado, não venha a sair desse estudo mais estulto do que nela entrou. Salve!